



POR
JOÃO
PACHECO

VENEZA

Tudo começa com uma ideia

É um amuleto egípcio em forma de coração, onde foi inscrito um capítulo do “Livro dos Mortos”. Esta peça de cerâmica (na imagem) tem milénios e costuma estar em Turim, no Museo Egizio. Agora, anda por Veneza até 27 de novembro, na exposição da Fondazione Prada “Human Brains: It Begins with an Idea”, que ocupa o palácio Ca’ Corner della Regina. A exposição coexiste com a Bienal de Veneza e partiu de um trabalho de investigação começado há quatro anos. Aliás, é milenar o nosso fascínio com os mistérios do cérebro. Já se acreditou que as ideias vinham do coração e é por isso que esta peça egípcia faz aqui companhia a mais de cem objetos de diferentes épocas. Incluindo desenhos anatómicos de Leonardo da Vinci. E também uma pintura de Hieronymus Bosch em que nos é mostrada a extração da pedra da loucura. Já sabemos que a tal pedra não existe, que chatice! O que existe é um interesse crescente em compreender este órgão que transportamos dentro do crânio, com os atuais investimentos em investigação nesta área a poderem ser comparados à aposta das potências mundiais na exploração espacial.

Parece ser certo que o início da evolução do cérebro humano está ligado à nossa aprendizagem sobre o uso do fogo. E o controlo do fogo deu-nos o hábito cultural de comer alimentos cozinhados, quer estejamos a falar sobre antepassados de uns descomplicados salmonetes grelhados ou sobre uns mais evoluídos ovos mexidos com mioleira de borrego. A pré-história da evolução do cérebro humano está também ligada à linguagem e à nossa capacidade de contar histórias. Daí o desafio lançado a dezenas de autores de ficção, incluindo Salman Rushdie e Maria Stepanova, que criaram histórias sobre os objetos escolhidos para esta exposição. O narrador de audiolivros George Guidall leu-as e foram gravados vídeos para a ocasião. Noutro ponto do palácio veneziano, há uma sala com vídeos de especialistas. São dezenas de neurolinguistas, filósofos, psicólogos e neurocientistas, incluindo António Damásio. Vão falando à vez, como se completassem as declarações uns dos outros. Uma filósofa explica-nos que o cérebro é anarquista. E sim, podemos aceitar que tudo começa com uma ideia. Mas como? Quando? Porquê?



O amuleto egípcio, em forma de coração, está em exposição no palácio Ca’ Corner della Regina, em Veneza

NUNO SACRAMENTO



COIMBRA

Notas de um génio do tango

Nova Iorque, 1935. O miúdo argentino precisa de chegar ao quarto de hotel de uma estrela do tango e do cinema. O miúdo chama-se Astor Pantaleón Piazzolla e nasceu 13 anos antes na cidade de Mar de Plata, Argentina. Crescera com o jazz em Nova Iorque, onde a família estava emigrada. O pai de Astor era acordeonista e, sobretudo, fã do intérprete de tango e ator Carlos Gardel, que estava em Nova Iorque para a rodagem do filme da Paramount Pictures “Quando Tu Me Quiseres...”, que se estreou nesse mesmo ano.

A missão do rapaz era entregar a Gardel um pacote com um presente do pai. Mas como não foi autorizado a ir até ao quarto de hotel do músico, decidiu contornar o problema, chegando lá através da escada de incêndio, pelo exterior do prédio. Carlos Gardel gostou da ousadia. E terá ficado impressionado com o que ouviu quando o rapaz tocou bandoneón, uma espécie de pequeno acordeão. O instrumento fora inventado na Alemanha em meados do século anterior, ali por volta de 1850. Tinha nascido para servir os propósitos religiosos da música sacra, substituindo o piano ou o órgão, que seriam opções muito maiores e mais caras. Só que através de um daqueles atalhos saborosos da Humanidade, o dito instrumento foi parar às mãos de marinheiros. E por essa via viajou

para longe dos templos alemães, chegando à capital argentina. Em Buenos Aires, o bandoneón ganhou nova vida em bordéis, como apoio instrumental ao tango. Uma música que, caso fosse árvore, teria raízes na tristeza e ramos e folhagem no sexo. Quando Gardel o conheceu em Nova Iorque, o virtuosismo do rapaz já era evidente. Ao longo de um ano e meio, o adolescente Astor Piazzolla participou como instrumentista em espetáculos de Gardel em Nova Iorque, acabando expulso de vez em quando, por ser menor de idade. Além disso, o rapaz participou, fez o papel de ardina, no filme “Quando Tu Me Quiseres...”, contracenando assim em película com a grande estrela argentina, embora de raspão. Depois, quando Carlos Gardel se preparava para partir numa *tournee* pela América do Sul, o miúdo do bandoneón foi convidado pela estrela do tango para seguir viagem com o grupo de músicos. Tendo em conta a idade do rapaz, a decisão coube ao pai. Ficou decidido que Astor não podia ir. E ainda bem, porque essa *tournee* terminou logo no início. O avião onde viajava Carlos Gardel chocou contra outro avião em junho de 1935, num aeroporto na Colômbia. Entre os mortos estava Gardel e todos os músicos que o acompanhavam. Aos 16 anos, Astor Piazzolla regressou à Argentina. Tornou-se músico profissional e compositor,

NICOLA DELL'AQUILA / FEDERICO TAVERNI



estudou, interessou-se por música clássica, viajou até Paris para estudar com a organista e professora Nadia Boulanger. Quando começou a criar os próprios tangos, Piazzolla mexeu muito na tradição cristalizada do tango e foi mal recebido em Buenos Aires. É que, como contou muitas vezes em entrevistas, na Argentina era possível mudar tudo menos o tango. E quem queria mudar a música tinha de saber alguma coisa de boxe e de artes marciais. Astor Piazzolla (1921-1992) chegou a ser agredido na rua por estar a inovar, num campo musical que se confundia com a identidade nacional.

Mais tarde, a consagração nacional e internacional acabou por chegar, com músicas como 'Adiós Nonino', 'Milonga del Angel' ou 'Libertango'. E hoje Piazzolla é ele próprio um símbolo da cultura argentina, que abraçou o chamado novo tango daquele rapaz que subira pela escada de incêndio nova-iorquina em 1935. Se fosse vivo, este génio do tango teria feito 101 anos na passada primavera. Agora, a 22 de setembro às 21h30, a música de Piazzolla poderá ser ouvida ao vivo no Conservatório de Música de Coimbra. A interpretação é do quinteto português Quintetango (na imagem), com André Madeira na guitarra, Artur Fernandes na concertina, Catarina Peixinho no piano, Hugo Brito no violino e Miguel Calhaz no contrabaixo. O quinteto apresentará em Coimbra o álbum "Tangente," uma estreia excelente, que apetece ouvir alto e muitas vezes seguidas. São notas de um génio do tango e dispensam a aprendizagem de artes marciais. ●

FLASHES



CORTESIA HOWARDENA PINDELL

CAMBRIDGE — RIDGEFIELD

A artista afro-americana Howardena Pindell tem 79 anos e em 1980 fez o vídeo "Free, White and 21", que tem tudo a ver com racismo e é a encenação de uma conversa entre duas personagens, interpretadas pela artista.

Agora, a exposição "Howardena Pindell: A New Language" está até 30 de outubro no Kettle's Yard, uma galeria da University of Cambridge, no Reino Unido. Já nos Estados Unidos, até 8 de janeiro, a obra de Pindell pode também ser vista na exposição "52 Artists: A Feminist Milestone". Em Ridgefield, Connecticut, no Aldrich Contemporary Art Museum.



POLLY THOMAS

SWANSEA

Mais do que uma exposição, o que está aqui a acontecer é uma ocupação. Chama-se "On Your Face x Glynn Vivian: Queer Reflections". E até 18 de setembro, acontece na Glynn Vivian Art Gallery em Swansea, no Reino Unido. O ponto de partida é a coleção heteronormativa desta galeria pública. E a ocupação é consentida, claro.

PONTA DELGADA

Vai nascer na ilha de São Miguel o 1º Festival Internacional de Saxofones dos Açores. A iniciativa é da Filarmónica Nossa Senhora das Neves e um dos palcos deste novo festival é o Teatro Micaelense, em Ponta Delgada. A 1 de outubro, às 21h30, uma das estrelas da noite será Otis Murphy. O saxofonista norte-americano vai tocar o concerto de David Maslanka com a filarmónica anfitriã. Que bom!

PALMERA — PARIS

Os citrinos de Vicente Todolí



MARIAN GOODMAN GALLERY

Há por aqui tangerinas, limões, cidrões, laranjas e outros citrinos de Vicente Todolí. São mais de 400 variedades e crescem em Palmera, perto de Valência, onde podem ser visitadas entre novembro e abril no Huerto Botánico el Bartolí. O criador deste grande horto espanhol onde se preserva parte do património genético dos citrinos foi o primeiro diretor artístico da Fundação de Serralves, no Porto. Passou depois pela direção da Tate Modern, em Londres. Vicente Todolí continua ligado à arte, sendo o diretor artístico da fundação de Milão, Pirelli HangarBicocca. Agora, a ligação à terra onde cresceu explica em parte "The Citrus Project", que estará em Paris de 8 de setembro a 1 de outubro,

na Librairie Marian Goodman. A exposição inclui obras de artistas como Nan Goldin, Cildo Meireles, Tacita Dean ou Julião Sarmento. E o objetivo é angariar fundos para a Todolí Citrus Fundació de la Comunitat Valenciana. Além da coleção viva de citrinos, a fundação criada por Todolí tem um laboratório de investigação gastronómica, uma Aula de los Cítricos e uma biblioteca. A propósito de bibliotecas, já a 8 de setembro, às 18h, Vicente Todolí estará em Paris, na biblioteca da galeria Marian Goodman, para uma conversa pública com a artista Tacita Dean. A entrada é livre e, claro, é muito provável que se fale sobre citrinos.



BARBARA B CRANE TRUST

PHOTO
MATON

Esta imagem é da fotógrafa norte-americana Barbara B. Crane (1928-2019). E está agora no Brasil, na grande exposição "Pelos Ruas: Vida Moderna e Experiências Urbanas na Arte dos Estados Unidos. 1893-1976". Até 30 de janeiro, na Pinacoteca de São Paulo.